

OS BRINQUEDOS DE ADÍLIA

ADÍLIA'S TOYS

Paloma Roriz
(UFF)¹

Para mim os nomes são coisas.
Adília Lopes

Já na capa estão lá, em uma “fotografia na casa da autora”, como indica a ficha técnica do livro: um periquito, um urso de pelúcia, uma máquina de costura, um pequeno globo terrestre, acessórios de bonecas, coelhinhos, bules, móveis em miniatura, cacarecos, bugigangas, objetos mínimos, coloridos, distribuídos em uma mesa de madeira redonda, em um ambiente escuro sob a projeção de uma luz direta. É assim que nos deparamos com o último livro de Adília Lopes, *Estar em casa*,² lançado em março deste ano, pela Assírio & Alvim, e que surge como o terceiro de uma trilogia iniciada com a publicação de *Manhã*, em 2015, e na sequência, *Bandolim*, de 2016, ambos pela mesma editora. E se os brinquedos aparecem na capa na forma de um mostruário aparentemente

¹ Doutoranda em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense. Bolsista CNPq. E-mail: palomaroriz8@gmail.com

caótico, o espaço do livro parece vir como um desdobramento da fotografia, quando as páginas se revelam algo próximo a uma mesa de montagem: provérbios, anedotas, citações, comentários, fragmentos, traduções, notas, datas, fotos, recolhas: brinquedos – ou, como sugerido por um dos poemas: “Memória / puzzle”, peças de um quebra-cabeça.

Em um de seus livros, o filósofo Georges Didi-Huberman refere-se ao jogo como um dos paradigmas fundamentais da *malícia*: o jogo, ou seja, o movimento da criança que engana seres e coisas com “bons truques”. Jogo, portanto, como peça central nas mãos da criança *maliciosa* que, em sua aparente inocência, guardaria a potência do “espírito crítico”, operando a montagem e desmontagem das situações através dos movimentos, dos truques, dos cálculos, das suas *máquinas* prediletas. O que o pensamento de Didi-Huberman ressalta é justamente a potência crítica e dialética dessas máquinas infantis. Baudelaire, com sua *Puzzling question!*, vai indagar o mistério da criança que quebra imediatamente o brinquedo novo. Para o poeta, a criança busca sobretudo ver a *alma* do objeto que tem em mãos e é por isso que ela então sacode, revira, joga contra o chão, e contra as paredes, o seu brinquedo.

Não é difícil reconhecer tal gesto em um dos poemas de Adília Lopes, intitulado “Os desastres de Sofia”, de seu livro *O devoto da dama de espadas*, de 1988, em que acompanhamos, passo a passo, a destruição, pelas mãos de Sofia, da linda boneca trazida de Paris, “loira de olhos azuis”, e que afinal ficará em mil pedaços, mutilada, “feia como um bode”. Contudo, é em *Manhã* que lemos o seguinte texto:

Cristina Campo conta em *A noz de ouro* que brincou em criança com brinquedos de primas velhas. Eu brinquei com os brinquedos da minha mãe, brinquedos nos anos 20-30, a minha mãe nasceu em 1927. Ainda tenho esses brinquedos todos. São sagrados. Nunca estraguei brinquedos. Vivi sempre em vários tempos.

[17/8/14]

Os brinquedos de Adília não são novos. Além da afirmação em uma certa contramão do pensamento baudelairiano, “nunca estraguei brinquedos”, a passagem talvez ajude a entender muito da trilogia da autora. Sobretudo quando completa, “Vivi sempre em vários tempos”. De fato, o que percebemos em *Estar em casa* é o acionamento de um anacronismo ininterrupto, intermitente, operado pelo movimento de uma memória e de uma autobiografia informe, implodida, cruzadas a cada texto em uma presentificação discursiva inscrita através das datas encontradas ao final de muitos deles, desembocando em apontamentos de uma cronologia avariada:

Uma coisa que descobri, e que está descoberta há muitos anos, é que 20 de Abril, 3 de Agosto, 9 de Novembro e 30 de Novembro calham sempre no mesmo dia da semana. [...] Como é que eu descobri isto? Sempre por afecto, por prazer.

É assim, entre exercícios lógicos, entre números descobertos por brincadeira, por afecto, acaso, prazer, pelo gosto de se divertir, como nos textos “54-45”, “O calendário” e “O um”, ao lado de um *retrato* que nunca se alcança, que vemos saltar uma colisão de temporalidades, embate que é também contra a solidão do corpo, da biblioteca, do *abismo dentro de casa*: “A meio da casa havia um poço sem fundo mas não havia perigo nenhum porque não havia lá ninguém e ninguém ia lá” – perpassando, de algum modo, o que já Rosa Maria Martelo disse ser na poética de Adília uma confrontação de “redescrições do mundo” e que, se ao longo de sua obra surge em uma máquina textual feita de escutas, relatos, colagens, ironias, personagens, infâncias –, afirma-se neste livro como um exercício reiterado de montagem e deslocamento de vozes, registros, referências, vocábulos, em uma sistemática desorientação da linguagem.

Porque, se os nomes são coisas, e a palavra é *brinquedo* – “Poemas novos ovos”; “A descer para baixo / no escorrega”;

“Escrever / andar de escorrega” –, *papillons électriques, tafulas, jiripitis, bee, chichi cocó pum pum*, palavras que escorregam, deslizam, “Ou isto ou aquilo / ou isto ou aquilo / isto e aquilo” –, é em seu *desmante* que talvez seja possível entender que destrinchar a medida entre coisas, pessoas e palavras é também convocar de certa forma a *ética* nela implicada: “Uma médica rica fazia troça dos pacientes iletrados pobres porque lhe perguntavam, quando ela se esquecia de lhe medir a tensão, ‘Então hoje a senhora doutora não me mede a atenção?’”.

Neste sentido, podemos encontrar algum ponto de contato entre sua poética e a de Sophia de Mello Breyner Andresen, em uma dimensão ética da escrita cara a ambas, embora manifestadas de formas tão diferentes. Já em um dos poemas, intitulado “Com palavras de Sophia”, lemos: “Não aceito a morte a lacuna a perda o desastre / nunca aceitarei / não me venham com tretas”. É quando percebemos que o exercício poético de Adília Lopes, configurado neste livro como o terceiro de uma série disposta em compêndio, álbum, mesa de montagem, *atlas* mínimo e amoroso – em sua profusão de nomes, imagens, vocábulos, coelhinhos, periquitos, máquinas de costura, bules, bonecas, móveis, cacarecos, bugigangas, povoamento de uma solidão nunca apaziguada – pode ser ironicamente desvelado com dois pequenos versos: “*On ne badine pas avec l’amour / on ne badine pas avec la littérature*”.

Nota

² LOPES, Adília. *Estar em casa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018. [87 páginas].

RECEBIDO EM 10/08/2018

APROVADO EM 09/11/2018